VISÃO DO CORREIO

Fim da escala 6x1 exige debate responsável

Passado o carnaval, as atenções se voltam ao enredo a ser conduzido no Congresso até que a disputa eleitoral tome conta por completo da agenda política. A análise da PEC que reduz de 44 para 40 horas semanais a jornada de trabalho no setor privado, sem alterar o salário, é um dos temas cuja votação tende a ser acelerada nos próximo dias — conforme prometeu o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta — e que deve agitar os parlamentares.

O debate em torno da extinção da jornada 6X1 é bem-vindo, mobilizado pela opinião pública, mas a pressa em conduzi-lo não pode comprometer os requisitos que a abordagem ao tema exige: uma condução técnica, qualificada e não contaminada por interesses eleitoreiros. Trata-se de um desafio, em se tratando que a proposta de emenda à Constituição está longe de ser consenso entre os parlamentares.

No entendimento de alguns, a escala 6x1 leva à precarização do trabalho no país. Em entrevista ao **Correio**, a autora da PEC, deputada Érika Hilton, afirmou que dois dias de descanso por semana são condição mínima de dignidade para o alinhamento do Brasil com a tendência de revisão das jornadas excessivas pelo resto do mundo.

Uma parcela dos congressistas acolhe os argumentos dos trabalhadores e dos empresários e reconhece a importância de as regras da Lei nº 8.112/1990, que rege o funcionalismo público, se estenderem aos que estão na iniciativa privada. Consultas à população em geral sinalizam nesse sentido. Pesquisa da Nexus, divulgada na semana passada, mostra que 73% dos consultados são favoráveis ao regime de cinco dias de trabalho por dois dias de descanso no setor privado e que 84% são contrários ao tratamento diferenciado nos regimes.

Em lugar de uma ruptura imediata, há parlamentares que propõem escalonar a mudança em favor dos trabalhadores privados. Uma das propostas é reduzir uma hora da jornada por ano até chegar às 40 horas semanais. Segundo o líder da Frente Parlamentar do Empreendedorismo, deputado Joaquim Passarinho, seria um período de ajuste para o empresariado. A contrapartida do Executivo seria a desoneração da folha de pagamento.

Entre os contrários às mudanças, os principais argumentos giram em torno dos impactos sobre a produtividade e os custos das empresas. Estudos da Fundação Getulio Vargas (FGV) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) indicam, por exemplo, um aumento de 22% no custo da hora trabalhada para funções que cumprem hoje as 44 horas semanais.

O debate, sem dúvidas, é delicado. Também do Ipea, o pesquisador Felipe Vella Pateo pondera que aqueles que precisam cumprir jornadas mais extensas são justamente os que ocupam empregos mais precários, com maior rotatividade. "É possível dizer, sim, que a escala 6X1 é um indicador forte de precariedade de trabalho", afirmou ao **Correio**.

Não é exagero, dessa forma, afirmar que a indefinição em relação à pauta de extinção da jornada 6X1 retarda uma alternativa ao que se convencionou como justiça social e econômica. São temas civilizatórios e, por isso, devem ser tratados com responsabilidade, uma vez que revelam o grau de desenvolvimento de uma nação.

LAERTE RIMOLI
Jornalista

O dindim do Tintim

"Ei, tio, lembra de mim"? Constrangido, o interlocutor se esquiva. "Desculpe, mas acho que não te conheço". "Tudo bem, eu também não me lembro de você. Aproveita, compra aí meu dindim: só 7 reais — redução de danos!". Acompanhei o garoto esperto, cabelos encaracolados, 12 anos, nas suas tratativas para vender os tubinhos gelados. Um marmanjo mareado comprou logo dois, de abacate, e comemorou: meu almoço tá resolvido. Tintim, nascido Martim, era acompanhado por um séquito: mãe, tia, três amigos e um casal. A princípio tímido, à medida que vendia, a confiança aumentava e a abordagem segura impedia qualquer negativa. "Fui professora, até 2002, quem sabe foi meu aluno?". "Eu nem tinha nascido", respondeu com um sorrisão maroto nosso comerciante. Ela comprou logo dois. Em menos de uma hora, explosão na Praça da Vila Planalto. O bloco Charrete resultou em 27 dindins vendidos, R$ 189 no bolso. Tintim sentenciou: "Vou comprar tudo em hambúrguer e viagens de patinete elétrico".

As estatísticas são infladas no carnaval. As pessoas enchem os pulmões para dizer quantos foliões estavam na rua. Precisamos de cúmplices para os crimes conexos (ingênuos) que cometemos nessa época. Assim foi na etapa seguinte da nossa farra. Mais de 100 mil pessoas na praça do Museu da República para receber Gretchen. Sim, ela mesma, uma dinossaura dos palcos, arrastando multidões no Bloco das Montadas. A música eletrônica não impedia a vibração. Um forte esquema de segurança, com revistas em minúsculas pochetes, garantia a tranquilidade dos presentes. A confiar nos números estratosféricos, o Brasil já está com 400 milhões de habitantes.

Mas bom mesmo é sair nos bloquinhos que serpenteiam entre os blocos das quadras. As árvores de Brasília nos protegem do calor imenso. Zebras, onças, papais-noéis, melindrosas, caricatas, fadas, capetas, duendes. Moradores aparecem nas janelas como se estivessem num camarote e aplaudem. O Vai Quem Fica é um deles. Com clima familiar (e isso é bom?), marchinhas antigas, crianças em carrinhos e um baita formigueiro no caminho. Afinal, o sacro e o profano brincam de mãos dadas. Reza a lenda urbana que ele nasceu de um grupo de amigos cantando sob a sombra de um ipê na Asa Norte. Há aglomeração para todo gosto. A gente vira pipoca na boca de bêbado. Pingamos da Asa Sul para a Norte, uma parada no Clube do Choro. Os mais animados passeiam pelas cidades satélite. Na despedida oficial do Tríduo Momesco, terça-feira, o Calango Careta e o Ventoinha de Canudo arrastaram o povão (milhões de pessoas) nas 200 e 400 da Asa Norte.

Participei da criação do Pacotão, bloco surgido nos anos 1980 com marchinhas que remetiam ao fim do agonizante regime militar. "Aiatolá, venha nos salvar, que esse governo já ficou gagá", cantávamos aos berros acreditando que, com isso, ajudaríamos a acelerar a democratização. Fiz algumas incursões nos anos seguintes. A briga por patrocínio oficial acabou com a pureza do desfile. Aliás, um bando de expressões inúteis: pureza, tradição, família em segurança. O que vale mesmo é a diversão. Na dimensão em que ela ocorrer. Com a crença e a disposição de cada um. Brasília não é mais um deserto. Tem gente na rua. E que ruas lindas, protegidas por árvores e embaladas por alegria. Mas, se for sair, cuidado com o formigueiro!

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail:** ***sredat.df@dabr.com.br***

Carnaval 1

Sou homossexual e, como tal, prefiro frequentar lugares cuja proposta seja ser um lugar acolhedor e seguro para o público LGBTQUIAPN+. Não significa que sou contra a presença de outros públicos, mas gosto de me sentir seguro. Infelizmente, o que tenho visto, inclusive em blocos de carnaval direcionados aos LGBT's, é uma verdadeira "invasão" de pessoas heterossexuais que claramente não sabem conviver com aquilo que lhes é diferente. Quer se juntar? Seja bem-vindo! Mas não tente intimidar um LGBT em pleno lugar/bloco destinado a... LGBT's.

» **Luan Cardoso**
Park Way

Carnaval 2

Carnaval é uma das nossas maiores festas populares, destacando-se as escolas de samba. Cada escola exige uma organização de cerca de três a cinco mil pessoas, envolvendo escolha do samba-enredo, construção de fantasias, alegorias, ensaios e desfiles. Seria muito bom se essa capacidade de organizar e mobilizar as comunidades se estendesse a outras atividades sociais, como a educação, saúde e saneamento.

» **Itiro Iida**
Asa Norte

STF

Estou preocupado com os rumos do Supremo Tribunal Federal (STF). O ministro Alexandre de Moraes, em lugar de pedir para investigar o contrato milionário do escritório de sua esposa para defender o Banco Master, pede para investigar funcionários concursados de carreira — o que não acontece com a maioria dos ministros do STF. Acredito que os funcionários podem ter agido assim, vazando dados da Receita Federal, por não estarem mais suportando tantos desmandos — alguns ilegais — de alguns ministros do STF.

» **Régis A. Vieira Martins**
Brasília

BRB

A crise do Banco Regional de Brasília (BRB) expõe a vulnerabilidade de milhares de pessoas que dependem dele para viver, trabalhar e planejar o futuro. São servidores, aposentados, pequenos empreendedores e famílias inteiras que não podem ser tratadas como dano colateral. É bom lembrar que os bancos públicos são instrumentos de política social; assim, as soluções técnicas nem sempre são as mais adequadas.

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

Penduricalhos

Eu não sou de direita nem de esquerda, mas realmente parece que algumas pessoas não conseguem comprendar o quanto esses penduricalhos aprovados no Congresso Nacional podem afetar o país. Eles não têm necessidade alguma de aumento e, além de tudo, é um aumento que deixará os salários acima do teto. Foi totalmente errado aprovar isso. No fim, só querem favorecer quem já é privilegiado. Acorda, Brasil!

» **Maria Raquel Roriz**
Brasília

Vira-folha

Essa mídia esportiva é uma piada! Até semana passada, Filipe Luís não servia mais pra nada, o Flamengo era uma porcaria, e estava tudo errado. Bastou o rubro-negro se classificar, eliminar o Botafogo, que agora já começam a elogiar, passar pano pra tudo que está errado no clube e bajular! Assim fica difícil! A credibilidade da opinião da imprensa fica, assim, comprometida!

» **Gabriel Vidal**
Park Way

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Leonardo Ferreira da Silva e Rodrigo Castanheira. Sobradinho e Águas Claras. 40 quilômetros de distância e 37 minutos de percurso separam a dor de duas mães.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Acabou o carnaval e já consigo ver daqui a Copa do Mundo vindo em nossa direção. O carnaval se foi. Adeus, ano velho. Feliz ano novo de novo.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Que delícia ver o carnaval de rua de Brasília sobrevivendo, resistindo, acontecendo e florescendo! Obrigada, Ventoinha de Canudo. Obrigada, meu Maracatu do Boiadeiro!

Fabrícia Oliveira — Brasília

Com tanto incentivo fiscal e tantas propagandas, parece difícil diminuir o número de dependentes de álcool. Ao contrário, só aumenta!

Flávio Dias — Distrito Federal

Infelizmente, o trecho entre Formosa (GO) e Brasília é terrível. Não tem iluminação, a visibilidade precária e as obras intermináveis. Some tudo isso e a pressa para chegar.

William Vieira — Brasília

Neste mundo de tanta crueldade, justiça e racismo, a vítima é sempre penalizada. Força, Vini Jr.

Karla Lyrio — Vila Velha (ES)

Os professores são profissionais mais importantes do que os psiquiatras e os juízes. Lavram os solos da inteligência dos alunos para que não adoeçam e não sejam tratados pelos psiquiatras, para que não cometam crimes e não sejam julgados pelos juízes.

Renato Mendes Prestes — Águas Claras

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF,
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*